

**Um olhar decolonial sobre A Tempestade, de William  
Shakespeare<sup>1</sup>**

**Weslaine Gomes<sup>2</sup>**

**ATO I**

**Da crítica pós-colonial à teoria decolonial**

Nas últimas décadas tem ganhado força o movimento de valorização das epistemologias do Sul em diferentes universidades do mundo. Tais epistemologias têm exercido influência em áreas diversas, como economia, ciências sociais, literatura e outras artes. No campo literário algumas obras têm sido revistas sob a ótica das experiências históricas, sociais, estéticas e políticas do Sul. Entre tais obras, a peça *A Tempestade*, de Shakespeare, tem recebido atenção de autores dos estudos pós-coloniais e autores latino-americanos.

Em nosso ensaio procuramos destacar as leituras pós-coloniais da peça e tentamos ir além, defendendo a possibilidade de uma leitura decolonial, a partir do diálogo com os autores do chamado grupo Modernidade/Colonialidade, constituído no final dos anos 1990 na América Latina.

Como salienta Walsh (2007), no interior da categoria de análise da *colonialidade*, podemos distinguir quatro esferas que articulam-se entre si: (1) *colonialidade do poder*; (2) *colonialidade do saber*, (3) *colonialidade do ser* e (4) *colonialidade da natureza*.

---

<sup>1</sup> GT 03 – Descolonização epistêmica desde o Sul indo-afro-latinoamericano.

<sup>2</sup> Possui graduação em Ciências Sociais e mestrado em Ciência Política, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Formada em Teatro também pela UFMG. / wes.wellida@hotmail.com.

Ainda segundo a autora, a primeira esfera refere-se aos padrões de poder que vinculam as categorias de raça, Estado, controle e exploração do trabalho e a produção do conhecimento. A segunda esfera faz referência ao eurocentrismo como narrativa única que organiza a construção do conhecimento e de saberes, segundo uma divisão geopolítica e ontológica do mundo entre centro e periferia. A *colonialidade do ser* está relacionada à imposição de determinados seres sobre outros, baseando-se no controle de suas subjetividades, a partir dos padrões de poder coloniais. Por fim, a *colonialidade da natureza* expressa uma crítica à divisão natureza-sociedade, divisão esta binária que desconsidera a relação entre seres humanos, plantas e animais, bem como, entre os chamados mundos espiritual e material.

Em nosso ensaio, abordaremos a *colonialidade do poder e do ser*, buscando articulá-las com uma leitura da peça que compreende a categoria racial e os saberes produzidos como fator de distinção entre as personagens e que, considerando o contexto shakespereano, defendemos se tratar de uma crítica do autor ao empreendimento colonial e toda violência decorrida do mesmo.

## **Ato II**

### **Shakespeare: uma crítica à colonização do coração da colonização?**

A vasta obra de William Shakespeare (1564-1616) tem despertado, no decorrer dos últimos quatro séculos, uma pluralidade de leituras-traduições ao redor do mundo, não sendo diferente no caso de *A Tempestade*. Segundo a cronologia das peças teatrais de Shakespeare, elaborada por Chambers (1982), *A Tempestade* foi escrita entre 1611 e 1612, sendo considerada a última de suas 37 peças.

O enredo dá conta da comitiva do rei de Nápolis, Alonso, também composta por seu filho, Ferdinando, seu irmão, Sebastião, seu conselheiro, Gonzalo,

e pelo ilegítimo duque de Milão, Antônio. Durante a viagem dos nobres italianos, que regressavam do casamento da filha de Alonso com o rei de Túnis, o navio sofre com uma inesperada tempestade e seus viajantes são obrigados a abandoná-lo para tentar sobreviver, e nesta tentativa encontram a ilha criada por Shakespeare. A ilha é comandada por Próspero, uma espécie de mago, que a habita juntamente com sua filha, Miranda, e seus servos, Ariel e Caliban, ambos seres nativos da ilha.

O arco dramático principal da peça desenvolve-se em torno da relação Próspero – Ariel – Caliban. Tal relação tem sido explorada de formas distintas por autores oriundos de diferentes tradições literárias, filosóficas e políticas.

### **ATO III** **Por uma Tempestade decolonial**

A inserção da categoria racial no debate pós-colonial, constitutiva da esfera *colonialidade do poder*, foi uma contribuição do grupo Modernidade/Colonialidade, tendo origem mais precisamente no pensamento de Aníbal Quijano.

Outra contribuição importante do grupo foi a noção de geopolítica do conhecimento e diferença colonial, desenvolvida principalmente por Walter Dignolo, e associada à esfera *colonialidade do saber*.

Quijano (2005a) afirma que um dos eixos centrais do padrão de poder constituído pelo capitalismo colonial/ moderno/europeu é a classificação social da população mundial segundo critérios de raça. Para o autor, a classificação racial deu legitimidade à conquista dos novos territórios e à relação de dominação violentamente imposta pelos colonizadores europeus aos povos originários destes territórios. Um elemento chave, então, para se compreender a *colonialidade do poder* é a questão racial.

O autor estabelece ainda uma relação entre raça e o lugar nas ocupações de trabalho. Uma vez que os povos violentados pela colonização foram classificados como naturalmente inferiores, seus lugares e papéis destinados na estrutura social também foram os mais inferiores. O cenário construído nesta perspectiva do autor é de uma divisão racial do trabalho, na qual as categorias raça e divisão do trabalho foram associadas e cada vez mais mutuamente reforçando-se. É para essa relação entre classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça e as novas formas de controle e exploração do trabalho que gostaríamos de chamar atenção, pois, de nosso ponto de vista, tal relação manifesta-se em *A tempestade*, e diferencia-se das leituras pós-coloniais anteriores da peça.

Pedimos licença para uma citação mais longa de um trecho da peça, onde encontramos um raivoso diálogo entre as personagens Próspero e Caliban em torno da, entre outros temas, escravidão a que Caliban foi submetido e a noção de raça inferior defendida por Próspero:

Caliban - Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Siorax, a minha mãe. Roubaste-me; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me caríciais e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam.

Naquele tempo tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito!

Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Siorax: besouros, sapos e morcegos. Eu, todos os vassallos de que dispondes, era nesse tempo meu próprio soberano. Mas agora me encheiraste nesta dura rocha e me proíbes de andar pela ilha toda. (SHAKESPEARE, 1982, p. 43-44)

Este diálogo é revelador do contraste entre o entendimento de Caliban e Próspero a respeito de seus próprios direitos à ilha e à uma livre existência. Próspero, o europeu, italiano, ex-duque de Milão, de origem nobre, acredita-se no direito de aprisionar e escravizar Caliban, que o próprio Shakespeare não descreve

segundo o sexo, gênero, idade, cor da pele, identificando-o apenas como ser nativo da ilha, e que aos olhos de Próspero, trata-se de um selvagem, pertencente à uma raça vil, inferior, que merece a escravidão.

A raça como categoria e estrutura de classificação foi também utilizada e institucionalizada para posicionar, de forma hierárquica, determinados grupos acima ou abaixo nos campos de saber (WALSH, 2007). Desta perspectiva podemos depreender que a *colonialidade do poder* está ligada à *colonialidade do saber*, nossa segunda esfera de estudo e articulação com *A Tempestade*.

A *colonialidade do saber* exprime a ideia de que há, na América Latina - e no mundo - uma subalternização de formas de se produzir conhecimento que não se enquadram no padrão científico hegemônico de origem europeia, o que resulta em uma perspectiva eurocêntrica de conhecimento que nega, por exemplo, o legado intelectual de povos indígenas e negros (WALSH, 2005), que também por meio da categoria de raça são reduzidos a “seres primitivos” (MIGNOLO, 2008a, 2008b; QUIJANO, 2005a, 2005b; CASTRO-GÓMEZ, 2008).

A questão da epistemologia eurocêntrica pode ser discutida em *A Tempestade*. O conhecimento de Próspero advém de seus estimados livros, trazidos de Milão, quando da sua expulsão do reino. Ao chegar a ilha e encontrar Caliban e Ariel, os poderes (conhecimento) do ex-duque de Milão mostraram-se superiores aos dos nativos, capazes de dominar a natureza de modo a utilizá-la contra Caliban, o escravo que se rebela contra a escravidão. Os conhecimentos de Caliban e Ariel são valorizados apenas na medida em que podem servir a Próspero. Caliban depois de ensinar a Próspero como sobreviver na ilha é escravizado sem maiores problemas. Ainda que Caliban insista que a ilha lhe pertence, que foi herdada de sua mãe, Siorax, a bruxa banida da Argélia, Próspero não se comove. Siorax, inclusive, pode ser lida como a natureza, a mãe-natureza de Caliban e outros povos

originários, com quem estes estabeleciam uma relação de comunhão e não de exploração material/capitalista. Ariel, por sua vez, só consegue sua liberdade depois de colocar seus poderes a serviço dos planos de vingança de Próspero.

A relação estabelecida entre Próspero e Caliban - Ariel pode ser comparada à relação estabelecida entre os colonizadores europeus e os povos nativos da América, e em uma leitura atual, entre a Europa e o restante do mundo. Conforme afirma Santos (2010), a dicotomia apropriação/violência foi a que prevaleceu nos territórios coloniais, contrariamente a dicotomia regulação/emancipação aplicada às sociedades metropolitanas. Coube à população que ficou “do outro lado da linha” – apropriação/violência – lidar com as consequências da colonização, em todas as suas dimensões, racial, epistemológica, cultural.

Caliban é consciente da violência física, epistemológica, simbólica, racial, a que é submetido por Próspero, e é só devido a este reconhecimento que obedece.

Caliban – Forçoso é obedecer.  
Sua arte é tão potente, que lhe fora possível dominar até Setebos,  
o deus de minha mãe, e transformá-lo  
em seu vassalo, até. (SHAKESPEARE, 1982, p. 45)

Ao mesmo tempo em que, quando planeja a morte de Próspero para livrar-se da escravidão, sinaliza à outra personagem que primeiro é preciso destruir a fonte de conhecimento de Próspero: seus livros. Fonte esta, inacessível para Caliban.

#### **ATO IV** **Admirável Mundo Novo!**

Dada a colonização e a colonialidade, não é de mau tom perguntarmos: como podemos viver nessas colonialidades? O que implica existirmos nesses padrões de poder estabelecidos a partir da raça, conhecimento, gênero, sexo, idade, natureza? Quem somos nós em *A Tempestade*? Nosso conhecimento

**Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul**  
**v. 2, n. 1, 2018.**

aprisiona outras pessoas, torna-nos Prósperos? Ou nosso conhecimento liberta e contribui para a construção de um mundo mais inclusivo, diverso e questionador das colonialidades?

Muitas são as perguntas que podem ser formuladas a partir da peça e, certamente, não esgotam o rico mundo construído e imaginado por Shakespeare.

**Referências Bibliográficas**

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Postcoloniality for dummies: Latin American perspectives on modernity, coloniality, and the geopolitics of knowledge. In: MORAÑA, Mabel; DUSSEL, Henrique e JÁUEGUI, Enrique (editores). *Coloniality at large – Latin America and the postcolonial debate*. Duke University, 2008.

MIGNOLO, Walter. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. In: MORAÑA, Mabel; DUSSEL, Henrique e JÁUEGUI, Enrique (editores). *Coloniality at large – Latin America and the postcolonial debate*. Duke University. 2008a.

MIGNOLO, Walter. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA: A OPÇÃO DESCOLONIAL E O SIGNIFICADO DE IDENTIDADE EM POLÍTICA En: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008b.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005a. p. 227-278

QUIJANO, Aníbal. EL 'MOVIMIENTO INDÍGENA' Y LAS CUESTIONES PENDIENTES EN AMÉRICA LATINA. In: *Revista Tareas*, nº 119, Enero-abril. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos, Justo Arosemena, Panamá, R. de Panamá, 2005b, p. 31-62.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Santos e Meneses (orgs) *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Santos e Meneses (orgs) *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez, 2010.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul  
v. 2, n. 1, 2018.

SHAKESPEARE, William. A Tempestade. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. *Nómadas*, nº 26, 2007, p. 102-113.

WALSH, Catherine. Political epistemic insurgency social movements and the refounding of the state. In: MORAÑA, Mabel and GUSTAFSON, Bret. (Editores). *Rethinking Intellectuals in Latin America*, Iberoamericana, 2010, p 199-211.

WALSH, Catherine. Introducción: (re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, Catherine (edt), *Pensamiento Crítico y matriz (de) colonial*. Universidad Andina Simón Bolívar, Editorial Abya-Yala, Quito, 2005.